

A pedra do reino e a picaresca

Juliana Bevilacqua Maioli (UNESP-Assis)

1. *A pedra do reino* — uma obra neopicaresca

O romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta (1971) é considerada pelos estudiosos uma obra grandiosa, na qual Suassuna manipula diversos elementos constituintes do folclore nordestino para compor a ambientação de seu romance. Além disso, o autor utiliza-se de um processo de miscelânea, no qual condensa no discurso da narrativa uma ampla gama de gêneros literários, entre eles a picaresca. Dessa maneira, é possível afirmar que *A pedra do reino* configura-se como uma obra multifacetada que comporta em sua estrutura inúmeros enfoques críticos.

Neste trabalho, procuramos nos ater, especialmente, à funcionalidade dos traços picarescos que permeiam essa narrativa. Em primeiro lugar, trataremos de levantar as semelhanças que esse romance compartilha com a picaresca clássica espanhola. Em seguida, apontaremos as diferenças entre ambos, para assim, colocar em evidência a originalidade do romance brasileiro.

1.1. As semelhanças

A pedra do reino é formada por cinco livros compostos por folhetos que narram, basicamente, as aventuras de Pedro Dinis Ferreira Quaderna, além dos acontecimentos que o levaram à prisão e o seu projeto de escrever um romance que o consagraria como “Gênio da Raça Brasileira”. Antes de destacarmos as semelhanças que tal obra possui com a picaresca, é necessário retomar a definição conferida por Mário González sobre o gênero:

Trata-se de uma pseudo-autobiografia de um anti-herói, definido como marginal à sociedade, o qual narra suas aventuras, que, por sua vez, são a síntese crítica de um processo de tentativa de ascensão social pela trapaça e representa uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro, seu protagonista (GONZÁLEZ, 1994, p. 263).

O conceito acima estabelecido pode ser aplicado facilmente ao romance de Suassuna, uma vez que nele nos deparamos com a pseudo-autobiografia de um narrador, socialmente marginalizado, que protagoniza uma série de aventuras a fim de alcançar os objetivos estabelecidos por determinado projeto pessoal. Logo, notamos que é por meio da narração das peripécias do narrador-personagem Pedro Dinis Ferreira Quaderna, que a sociedade, bem como seus meios de ascensão social, são satiricamente denunciados.

Logo no primeiro capítulo observamos que a obra é escrita por um narrador em primeira pessoa, ou seja, é o próprio Quaderna quem narra a sua história. Ainda, nesse mesmo capítulo, a personagem afirma estar pensando em um “modo hábil” de iniciar o seu “memorial”, pois é através deste que visa a “comover” o máximo possível “os corações generosos e compassivos” (SUASSUNA, 2005, p. 33) dos seus leitores. Nota-se, pois, que Quaderna tentará, mediante o emprego de um jogo retórico com a linguagem, persuadir o seu destinatário de sua suposta “inocência” nos casos pelos quais está sendo julgado. À vista dessas colocações, percebe-se que a narrativa parece configurar-se como uma pseudo-autobiografia.

A autobiografia é considerada por vários críticos como o elemento essencial de uma obra picaresca. Américo Castro (1967, p. 143) afirma que, com essa técnica, o narrador-protagonista irá convidar os leitores a apreciar a sua vida íntima sem nenhum intermediário, ou seja, o leitor terá a oportunidade de contemplar a história de uma personagem a partir de suas próprias experiências. Esse traço,

portanto, pode ser compreendido como o primeiro ponto de contato entre *A pedra do reino* e a picaresca clássica.

Ainda seguindo o procedimento estrutural da picaresca, Quaderna, após declarar seus objetivos de escrever um romance-memorial, relata também a sua descendência familiar e a sua infância. A personagem provém de uma “extinta” família aristocrática, que outrora exercia certo poder no âmbito do sertão nordestino. Bisneto de antigos líderes religiosos, Quaderna tenta recuperar o prestígio de seus ascendentes. Dessa maneira, é plausível afirmar que o protagonista do romance é um indivíduo que se coloca à margem da sociedade com o fim de realizar um projeto de ascensão social, mediante o qual pretende resgatar o *status* que lhe corresponderia pelas origens familiares nobres. No entanto, Pedro Dinis ressalta que não possui as aptidões físicas necessárias para cumprir o seu projeto. Dessa forma enfatiza que: justo “eu, que nascera e me criara admirando as caçadas, as cavalgadas, os tiroteios, as brigas de faca e outras cavalarias e heroísmos sertanejos, tinha a desgraça de ser um mau cavaleiro, mau caçador e mau brigador” (SUASSUNA, 2005, p. 85).

É, portanto, em virtude das limitações de Quaderna que podemos dizer que este possui mais uma afinidade com os pícaros clássicos, isto é, o seu caráter anti-heróico. Assim sendo, para o narrador conseguir levar adiante o seu projeto pessoal, este deve contar apenas com a sua astúcia. E a maneira que encontra para “reconstruir seu Castelo” é realizando-se como escritor. Logo, ao elaborar o romance pretendido, estaria na verdade contando, concomitantemente, a epopéia de sua família e a sua história de pícaro.

Intimamente relacionado ao caráter anti-heróico do protagonista, está a presença da trapaça, atitude praticada entre os pícaros clássicos, que pode ser constatada de modo explícito nas atuações de Quaderna. Este sempre aparece planejando alguma “manobra desleal”, seja contra os seus mestres, seja contra o juiz-

corregedor. Resta, portanto, observar se esse narrador-personagem também não estaria fingindo aos próprios leitores de seu memorial.

Outro aspecto notável que também está ligado à atitude trapaceira dos pícaros, é a relação com que estes mantêm com o trabalho. Mário González afirma que o pícaro é a manifestação da imposição de caminhos alheios ao trabalho para a ascensão social na Espanha dos Astúrias. O romance que ora analisamos, mesmo estando inserido em um outro contexto socioeconômico, parece seguir a mesma linha de rejeição do trabalho por parte do narrador.

Assim, observamos que Quaderna se autodefine como “rei” e que, portanto, não necessita submeter-se a nenhuma profissão para recuperar seu *status* perdido. Em última instância, pode-se considerar apenas que ele pretende, mediante a escritura de sua obra, ser reconhecido como “Gênio da Raça Brasileira”, para assim retornar ao posto por ele almejado.

Em suma, estão aqui sintetizadas as semelhanças mais explícitas entre a picaresca clássica e *A pedra do reino*. São essas analogias, portanto, que permitem a sua designação como obra “neopicaresca”. A seguir mencionaremos algumas das rupturas que o romance de Suassuna apresenta com relação ao modelo literário originado na Espanha.

1.2. As transgressões

No prólogo do romance, Raquel de Queiroz afirma que o romance de Suassuna realmente pode ser considerado uma obra picaresca; no entanto, este transcende o modelo estabelecido por tal gênero. Assim, a autora complementa ponderando que “A Pedra do Reino transcende disso tudo, e é romance, é odisséia, é poema, é epopéia, é sátira, é apocalipse...” (QUEIROZ, 2005, p.15).

Nesse sentido, constatamos que o romance assimila em sua estrutura não somente os elementos constituintes da modalidade picaresca, mas também de inúmeras outras formas narrativas, tais como a epopéia, o poema, o romance de cavalaria, o gênero ensaístico, o cordel entre outros, que se mesclam e se fundem na composição da obra, conferindo-lhe, assim, um discurso polifônico capaz de ampliar a significação dos elementos empregados em sua construção.

Além da estrutura multifacetada da obra, percebe-se, ainda, que esta se afasta do gênero picaresco na medida em que abandona a linearidade temporal de sua narrativa, uma vez que as obras clássicas da picaresca constroem suas ações de acordo com uma continuidade cronológica. Em geral, iniciam-se com a narração da infância do pícaro e terminam com o relato de sua situação atual, na fase adulta. Já a história de Quaderna, narrada a partir de sua culminação na cadeia, remonta a ações anteriores, que em determinados casos, ocorreram há mais de um século. Assim, toda a vida do narrador vai sendo descoberta de maneira fragmentada pelo leitor, com histórias que se entrelaçam e que se complementam conforme vão sendo resgatadas em capítulos posteriores. Dessa maneira, o leitor é obrigado a aplicar uma dose de esforço particular para acompanhar a seqüência dos acontecimentos.

Intimamente relacionado ao tempo, está o espaço. Em geral, os pícaros se configuram como seres itinerantes, a tal ponto do “princípio da viagem” chegar a ser entendido como uma das bases para a estruturação do romance picaresco. Em *A pedra do reino*, nota-se a ausência de deslocamentos a longas distâncias operados por parte do protagonista. Observamos que, durante toda a obra, as viagens que Quaderna realiza, restringem-se somente aos sertões da Paraíba e de Pernambuco. Ou seja, são percursos relativamente curtos se comparados com as viagens de Lázaro de Tormes, por exemplo. Além disso, é relevante assinalar que durante o interrogatório, episódio equivalente a segunda parte do romance, Quaderna passa quatro horas seguidas, trancado em uma sala de delegacia — espaço fechado —,

juntamente com um juiz-corregedor, prestando o seu depoimento à justiça, ação considerada atípica nos romances picarescos.

Destacamos também que em *A pedra do reino* está presente o toque de quixotismo. No romance de Suassuna encontramos um espaço para o sonho, aspecto inexistente nos textos do século de ouro espanhol. É interessante verificar que não se trata do sonho como definição de uma ambição pessoal, individualista do pícaro, mas da utopia como instrumento para uma sociedade diferente. Nenhum dos pícaros foi capaz de formular um projeto que ultrapassasse os limites de sua individualidade. Em *A pedra do reino*, ao contrário, é possível perceber, mediante a narração dos ideais de Quaderna, a tentativa de se formular uma sociedade diferente e contraposta àquela em que a personagem está inserida, fato que a distancia do universo pragmático dos pícaros e a aproxima mais do universo utópico de Dom Quixote.

Enfim, estão enumeradas aqui algumas das características que afastam o romance de Suassuna da tradição picaresca. A seguir, discutiremos os efeitos de sentido que a recriação desse gênero literário confere à narrativa.

2. Funcionalidade dos elementos picarescos em *A pedra do reino*

Em torno das colocações que foram expostas, pode-se assinalar que o escritor paraibano, ao construir *A pedra do reino*, promove uma releitura da picaresca, posto que tal gênero literário parece constituir a forma mais adequada e verossímil de, mediante a atuação de um narrador astucioso, tecer uma crítica à sociedade na qual se encontra inserido. Nesse sentido, observamos que os aspectos do romance picaresco recriados no interior da narrativa parecem atuar como elementos fundamentais para acentuar a dimensão satírica da obra.

Dessa maneira, percebemos que o oportunismo de Quaderna enseja o desenvolvimento de ações capazes de colocar em xeque a rigidez e a legitimidade de

determinadas instituições sociais. Uma passagem que ilustra essa consideração se refere à fundação da “Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba”. Sendo composta por seus três sócios fundadores, Quaderna, Samuel e Clemente, esse evento configura-se como mais uma idéia ardilosa do protagonista que pretende dar “um golpe de morte no prestígio e na pretensão desses enfatuados da Capital!” (SUASSUNA, 2005, p. 182). Com efeito, essa seqüência narrativa pode ser interpretada como uma forma de ataque ao caráter elitista das instituições acadêmicas.

Em uma segunda instância, constatamos que a seqüência não linear da narrativa, também, pode estar intimamente relacionada com umas das “manobras desleais” operadas pelo narrador. Considerando o intuito de Quaderna em comprovar a sua inocência perante os leitores e as demais personagens, é possível inferir que o modo tortuoso pelo qual dispõe os eventos em sua trama — toda ela entrecortada por “nós” e digressões — corresponde a uma forma pretensamente “segura” de o narrador contar a sua história “sem arriscar o próprio pescoço” (*Idem*, p. 736). Essa observação é sustentada na medida em que o protagonista, ao reconstituir para o juiz-corregedor alguns dos eventos que o incriminam, reconta-os em uma versão mais detalhada, a partir da qual deixar escapar alguns pormenores que, anteriormente ocultados aos leitores, podem sugerir o seu “possível” envolvimento nos acontecimentos que o levaram à prisão.

Resta-nos ainda mencionar a importância da personalidade ardilosa de Quaderna no que diz respeito ao questionamento das convenções estéticas consagradas pelo cânone ocidental. Vejamos que um dos eixos temáticos da narrativa se esteia no projeto literário idealizado pelo narrador. Em função do seu objetivo de reerguer, por vias poéticas, o antigo “império” dos seus antepassados, o narrador empreende, ao longo da história, uma busca pelo gênero literário mais adequado a ser empregado na construção da obra que pretendia “completa”, “modelar” e de “primeira

classe”. Para isso, o protagonista incentiva as diversas discussões literárias entre seus dois mestres, Clemente e Samuel, para “obter deles, aos poucos, sem que nenhum dos dois pressentisse, a receita da Obra da raça, para que eu mesmo escrevesse, passando a perna em ambos” (*Idem*, p. 192).

Nota-se que é em virtude dessa atitude engenhosa do narrador que a picaresca fornece o espaço para a instalação da metalinguagem no interior da narrativa, através da qual temos acesso às concepções literárias de Clemente, Samuel e também do protagonista. Ao passo que essas questões vão sendo debatidas ao longo do enredo, os mecanismos de construção da obra vão sendo expostos ao leitor. Com isso, o próprio ato de narrar é colocado em discussão. Logo, em *A pedra do reino*, percebemos que ao mesmo tempo em que uma história ou um argumento é relatado, disserta-se também sobre a própria técnica de produção da arte literária.

Como ressaltamos, o romance conjuga os mais diversos gêneros narrativos, o que revela uma tentativa de absorção das experiências advindas de outras modalidades literárias, que parece ser a busca de sua própria unidade narrativa. Nesse sentido, consideramos que a incessante procura pela “fórmula perfeita” de se compor uma obra pode ser interpretada como a representação metafórica da insegurança do ser humano, que vive em uma interminável investigação para atingir suas utopias. Não obstante, essas fantasias parecem concretizar-se apenas na esfera dos sonhos, tal como constatamos no desfecho da obra: nele, as ações descritas são interrompidas, dando lugar para a descrição do sonho de Quaderna, no qual ele é consagrado pela Academia Brasileira de Letras como o “gênio da raça”. Em suma, Quaderna, mesmo figurando-se como um malandro preso a uma realidade rasa e cruel, não passa de um sonhador, um Quixote do século XX, tentando fundir extremos, para reencontrar a totalidade perdida.

Referências

CASTRO, Américo. El Lazarillo de Tormes. In: _____. *Hacia Cervantes*. Madrid: Taurus, 1967.

GONZALEZ, Mario M. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

QUEIROZ, Raquel de. Prólogo. In: SUASSUNA, Ariano. *O romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 15-17.

SUASSUNA, Ariano. *O romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.